

Mapeando “esquisitices” no centro antigo de Natal, RN¹

Valéria de Souza Ferraz²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo

Resumo

Neste artigo são discutidas relações entre forma e função urbana de um dos bairros fundadores de Natal, referido pela população como centro antigo, a fim de analisar implicações na vida das pessoas, especialmente nas sensações de medo e insegurança do ir e vir de seus frequentadores. Tendo na atividade turística um forte peso na economia local, argumenta-se que o turismo cultural, frequentemente utilizado em planos e projetos de revitalização em todo o país, pode ser fator de desenvolvimento sustentável e de conservação do patrimônio (material e imaterial) e contribuir para o processo de revitalização da Ribeira como centro histórico-cultural.

Palavras-chave: Turismo Cultural; Antigos Centros Urbanos; Revitalização.

Diversificação da atividade turística potiguar através do turismo cultural

Natal foi fundada, já com denominação oficial de “cidade” em 25 de dezembro de 1599, como parte de um esquema de defesa para garantir a posse colonial (CASCUDO, 1980). Isolada ao norte, leste e oeste pelo Atlântico e o estuário do rio Potengi, e por um mar de dunas ao sul, permaneceu no anonimato nos três primeiros séculos de sua existência, adiando seu crescimento para a primeira década do século XX. Estudos anteriores (TRIGUEIRO, MEDEIROS, 2002, 2007) demonstram que, na capital potiguar, a expansão da ocupação urbana exerceu efeito crucial no deslocamento do centro ativo³, que até meados do século passado se manteve nos limites dos núcleos fundadores – atuais bairros da Cidade Alta e Ribeira (Figura 1) – para leste e sudeste, seguido de seu espraiamento em múltiplas direções.

Se de um lado, o crescimento da cidade permitiu que um dos bairros centrais - Cidade Alta – ficasse nas franjas (ou bordas) de uma nova centralidade passando a atuar como

¹ Trabalho desenvolvido como parte da dissertação de mestrado do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Rio Grande do Norte.

² Arquiteta e Urbanista formada pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) - São Paulo, 1997. Licenciatura em Ensino Técnico Profissionalizante (Edificações) – Faculdade de Belas Artes – São Paulo, 2003. Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFRN, 2006-2008. Artigo publicado: FERRAZ, Valéria Souza; TRIGUEIRO, Edja; TINOCO, Marcelo. *Turismo Cultural e Revitalização de Centro Antigo: reciclando arquitetura pré-moderna e moderna*. In VII SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, Porto Alegre, 2007. (e-mail: valferraz@yahoo.com)

³ Entendido como o lugar que concentra o maior número de atividades, usos e fluxos diversos, coincidindo com o centro econômico, o comercial, o de serviços da cidade (HILLIER, 1996)

um sub-centro ativo e enfrentando um processo de desmonte do patrimônio arquitetônico, de outro, permitiu que a Ribeira, sede de importantes instituições públicas e de equipamentos culturais tradicionais da cidade, sofresse uma significativa perda do potencial atrativo de geração de fluxos de movimento tornando-a decadente e abandonada, mas fazendo com que seu patrimônio ficasse relativamente melhor preservado.



Figura 1: Localização dos bairros da Cidade Alta e Ribeira em Natal. Fonte: TRIGUEIRO, MEDEIROS (2002).

Na década de 1980 a expansão da mancha urbana natalense transpôs os obstáculos naturais e seu crescimento se estendeu principalmente no sentido norte-sul, fortalecendo um eixo de lazer voltado para o turismo de sol e mar localizado ao longo da orla marítima, cuja consolidação se deu com a recente conclusão da construção da ponte sobre o Potengi, intitulada Newton Navarro. Por conta de sua proximidade, estudos (TRIGUEIRO; MEDEIROS, 2007) indicam que a ponte e as intervenções complementares a nova rota deverão alterar substancialmente os níveis de acessibilidade para a Ribeira e através do bairro. Se a tendência verificada em outras partes da cidade se mantiver, essa nova acessibilidade (facilidade de acesso) poderá implicar numa enorme pressão de transformação do cenário construído, com perda irreparável do patrimônio arquitetural legado dos séculos XIX e XX.

O Estado do Rio Grande do Norte, e, principalmente a cidade de Natal, tem na atividade turística uma significativa fonte de renda. As Políticas Regionais de Turismo no NE, iniciadas na década de 80, tiveram o respaldo do poder público federal para o desdobramento da atividade como fator de desenvolvimento local. Divididas em duas

vertentes, estas políticas geraram dois frutos: Megaprojetos Turísticos e um Programa de Desenvolvimento do Turismo – PRODETUR – NE. Mas os projetos realizados até hoje visam apenas o único ramo do setor turístico desenvolvido na cidade, o *turismo de lazer* ou *turismo de sol e mar*, que, mais por conta do comportamento desses turistas do que por conta do grande número de pessoas que engloba, é classificado muitas vezes como *turismo de massa*.

A partir do final dos anos 1990 observa-se uma tendência de transformação no turismo com a emergência de um consumidor mais consciente, o chamado ‘viajante’, interessado em conhecer e aprender com as viagens e mais sensível em relação à realidade sócio-ambiental dos lugares visitados. Entre estes, estaria o turista que apresenta motivações culturais em seus deslocamentos.

A atração que as áreas urbanas centrais têm exercido sobre atividades econômicas desde o final do século XX, vem aparecendo, sobretudo, nas atividades ligadas à cultura, ao lazer e ao turismo, passando a ser uma das tônicas principais nos processos de revitalização. E, de fato, o que se observa é que a temática da revalorização de centros antigos nas experiências urbanísticas brasileiras têm apresentado estratégias de preservação que lidam com projetos de intervenção baseados, em maior ou menor grau, no turismo cultural, onde o patrimônio é visto como um gerador de riquezas e recurso econômico. A idéia é, sobretudo, que o turismo cultural seja utilizado na transformação de um bem protegido num bem com utilidade social e viabilidade financeira, “(...) como um meio de arrecadar recursos para a manutenção de lugares e manifestações, bem como um instrumento de informação do público visitante” (MURTA, 2002:135), uma vez que “a idéia não é manter o patrimônio para lucrar com ele, mas lucrar com ele para conseguir mantê-lo” (BARRETTO, 2000: 17).

O patrimônio edificado é a imagem síntese da Ribeira (ELALI, 2007), mas a sensação de insegurança, decorrente muitas vezes do próprio estado de conservação dos imóveis, tem sido apontada como um dos principais fatores para a imagem negativa do bairro (MONTEIRO; TRIGUEIRO, 2003). Acreditando que estratégias preventivas ou corretivas no desenho urbano podem contribuir para a redução da sensação de

vulnerabilidade a ações criminosas nas ruas da Ribeira e visando contribuir para a diversificação da atividade turística na cidade de Natal a partir do turismo cultural (entendido aqui como vetor de fortalecimento de identidade e animação urbana), foi desenvolvido um estudo sobre *permeabilidade* e *visibilidade* contemplando atributos morfológicos, através do qual foram utilizadas categorias de interface edifícios/espço público.

Mapeando vulnerabilidade potencial (ou percebida) na Ribeira

Argumenta-se que atitudes relacionadas ao medo e a sensação de insegurança associam-se, muitas vezes, à presença de determinados atributos físico-espaciais. Isto pode ser percebido em situações corriqueiras do dia a dia, como, por exemplo, caminhar com tranqüilidade nas calçadas. Há uma diferença perceptível na sensação de medo ao passar por uma rua onde as construções têm apenas muros altos e opacos (impedindo qualquer tipo de contato visual com o interior) e ao passar por uma rua onde se tem muros baixos ou vazados (onde é possível ao menos sentir a presença humana). Uma situação ainda pior ocorre quando se caminha na calçada de um condomínio fechado no qual todas as construções são voltadas para dentro impedindo qualquer tipo de relação entre espaço público e espaço privado.

Contudo, boa parte destes atributos, facilmente percebidos como tal no ambiente (os famosos ‘lugares esquisitos’ na linguagem coloquial), são dificilmente identificados em mapas e plantas. Estudos anteriores (TOWN; DAVEY; WOOTTON, 2001) têm demonstrado que a configuração resultante de decisões sobre a morfologia das edificações e dos espaços públicos pode gerar potenciais distintos de movimento e fluxos de uso que operam na região como um todo.

A noção de *territorialidade* e de *espaço defensável* em Newman (1973) foi, em grande medida, a base teórica do *Situation Crime Prevention* - SCP, que explora relações entre forma construída e vulnerabilidade a ações anti-sociais partindo da idéia de que sensações de medo e insegurança são, em parte, decorrentes de atributos físicos específicos, bem como a maneira com que esses se relacionam. A partir do SCP outros estudos sobre a vulnerabilidade a ações criminosas e ao comportamento anti-social

foram gerados. Entre os mais referidos estão, o *Crime Prevention Through Environmental Design* – CPTED; e o *Secured By Design* – SBD.

Jacobs (2003) já defendia, no início dos anos 1960, que a atratividade de uma área como lugar desejável para se morar, trabalhar ou divertir dependia, em grande medida, de relações entre edifícios, ruas e calçadas, da interface entre visitantes e habitantes, da diversidade de usos e tipos edilícios, da acessibilidade potencial das ruas, da clara definição entre os espaços públicos e privados. Esta última propriedade está também na raiz das proposições de Newman (1973) sobre a importância da definição do território, através de mecanismos reais e simbólicos, como meio indutor de oportunidades de vigilância e controle sobre habitantes e visitantes.

Com base nesses conceitos e, sobretudo, em estudos associados ao campo de pesquisa *Situation Crime Prevention*, foram identificados e mapeados, atributos morfológicos da Ribeira considerados inibidores ou facilitadores de ações anti-sociais, e que, somados a outros fatores (i.e. estado de conservação e preservação, uso do solo, etc.), podem definir lugares capazes de suscitar imagens positivas ou negativas, os chamados “locais esquisitos”, permitindo diagnosticar e/ou antever a presença de pontos críticos do ponto de vista da vulnerabilidade, nem sempre perceptíveis através dos meios convencionais de representação do espaço urbano.

A interface espaço público/privado, percebida a partir dos limites físicos ou simbólicos no ambiente urbano, dá a impressão de funcionar como ‘portal de ajuda’ em casos de emergência, ou estimular ações criminosas. As aberturas nas fachadas permitem um contato visual com o lado interno da edificação e podem contribuir para gerar uma sensação de co-presença. Já os muros opacos ou as paredes cegas transmitem uma sensação de insegurança ao pedestre. Desta forma, foram analisados os tipos de aberturas das fachadas da Ribeira na área onde se concentram os atrativos culturais, os espaços públicos e a maior parte dos imóveis que apresentam características físicas remanescentes de épocas passadas. Como o bairro convive com oscilações muito altas de vitalidade diurna e noturna, sentiu-se a necessidade de fazer um estudo para os dois períodos.

Visando articular propriedades espaciais e atributos físicos – acessibilidade potencial da malha, permeabilidades e barreiras, visibilidade, elementos definidores de usos e pertencimento, tidos como capazes de incentivar ou dificultar a mobilidade, a co-presença e o uso dos espaços abertos da Ribeira foram identificados e mapeados onze atributos – a maioria explorada em estudos anteriores (CHIARADIA e TRIGUEIRO, 2005) – presentes nas frontarias (fachadas) dos edifícios da área estudada.

Para a categoria PORTA (Figura 2), entende-se que na fachada examinada o tipo de abertura com a rua é feito apenas através de portas, e para a categoria JANELA (Figura 3), o único tipo de abertura da edificação se dá por meio de janelas.



Figura 2: PORTA.



Figura 3: JANELA. Fonte: UFRN, 2006.

Quando a fachada dispõe de portas e janelas, esta se encaixa na categoria PORTA + JANELA (Figura 4). Já a categoria JANELA ALTA (Figura 5) é utilizada quando a janela do andar térreo se encontra acima do nível normal, ocasionada em função da altura da edificação em relação ao lado de fora. Entende-se por categoria FRONTARIA ATIVA (Figura 6) os tipos de edificações que apresentam em suas fachadas aberturas que permitem um acesso fácil e rápido, normalmente associadas ao tipo ‘portas de enrolar’, aumentando a dinâmica ao local o dia todo.



Figura 4: PORTA + JANELA



Figura 5: JANELA ALTA



Figura 6: FRONTARIA ATIVA

Porém, quando estes estabelecimentos são vinculados a usos comerciais e de serviço, permanecendo abertos apenas no horário comercial e fechando no período noturno e aos

fnais de semana, estes mesmo estabelecimentos que permitem uma dinâmica enquanto abertos passam para a categoria FRONTARIA CEGA assim que encerram seus expedientes, impedindo qualquer contato visual com o interior das edificações.

Como o bairro da Ribeira possui vários imóveis fechados que apresentam em suas tipologias as características de imóveis com FRONTARIAS ATIVAS, achou-se necessário acrescentar a categoria FRONTARIA ATIVA FECHADA para as edificações que podem ser reabertas a qualquer momento (Figura 7).



Figura 7: FRONTARIA ATIVA FECHADA
Fonte: UFRN, 2006.



Figura 8: FRONTARIA CEGA

Edificações que não apresentam nenhum tipo de abertura com a rua também entram na categoria FRONTARIA CEGA (Figura 8) as que apresentam um MURO OPACO ou muro alto estão representadas pela Figura 9. Já o tipo de abertura CERCA TRANSLÚCIDA (Figura 10) refere-se a algum tipo de barreira que permite visibilidade para a parte do recuo frontal ou lateral da edificação.



Figura 9: MURO OPACO
Fonte: UFRN, 2006.



Figura 10: CERCA TRANSLÚCIDA

As edificações que apresentam os LIMITE BAIXO ou LIMITE BAIXÍSSIMO são aquelas onde a separação entre espaço público e o espaço privado é percebida, porém fácil de ser invadida. Na Figura 11 é possível perceber que o limite entre a calçada e a construção é apenas um jardim – LIMITE BAIXÍSSIMO – e a Figura 12 mostra um LIMITE BAIXO, ou seja, um muro baixo que permite uma comunicação visual entre o pedestre e o morador (e/ou trabalhador).



Figura 11: LIMITE BAIXÍSSIMO

Figura 12: LIMITE BAIXO - Fonte: UFRN, 2006.



Os mapas de FRONTARIAS - diurno e noturno (Figuras 13 e 14) reafirmam a oscilação de vitalidade ao longo do dia e da noite no bairro da Ribeira.

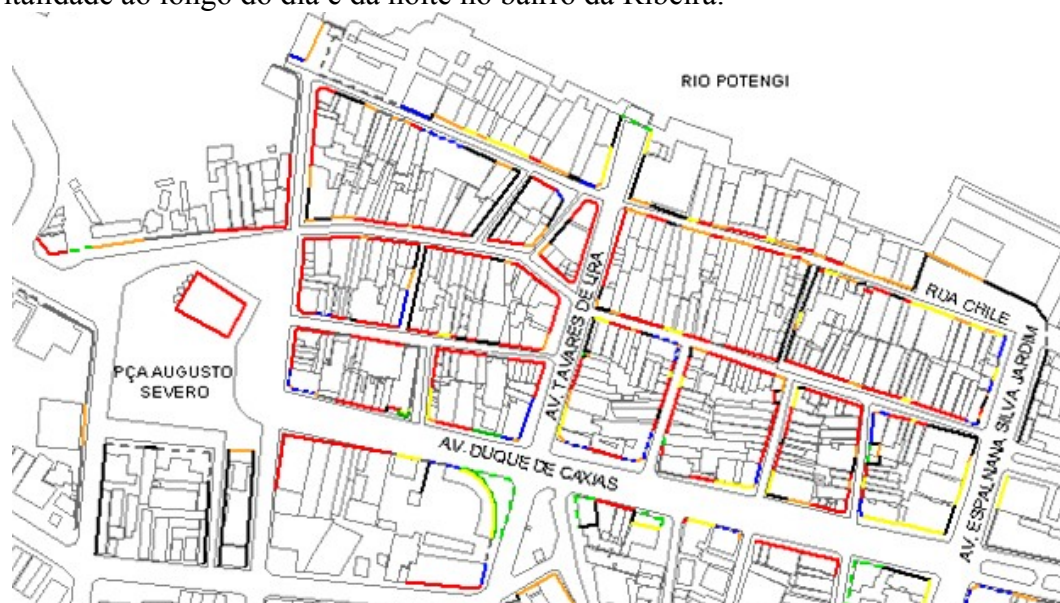


Figura 13- Mapa das Frontarias Diurno. Fonte: Valéria Ferraz, 2007.



Figura 14– Mapa das Frontarias Noturno. Fonte: Valéria Ferraz, 2007.

A legenda utilizada para representar estas tipologias está na Figura 15, abaixo descrita.












	PORTA		FRONTARIA ATIVA
	JANELA		FRONTARIA CEGA
	PORTA + JANELA		FRONTARIA ATIVA FECHADA
	JANELA ALTA		CERCA TRANSLÚCIDA
	MURO OPACO		LIMITE BAIXÍSSIMO
			LIMITE BAIXO

Figura 15: Legenda da tipologia das Frontarias. Fonte: MUaA, 2006.

Os usos das edificações ao longo da área analisada são de extrema importância para identificar o horário de suas atividades e garantir a presença de pessoas circulando na região ao longo do dia e da noite. O predomínio de construções com a tipologia FRONTARIA ATIVA quando se soma ao grande número de estabelecimentos comerciais e de serviço (Figuras 16 e 17) confirma que grande parte dos tipos de abertura das construções da Ribeira, fora do horário comercial, se encontram completamente fechadas e se tornam FRONTARIAS CEGAS, aumentando consideravelmente a sensação de medo e insegurança na área. Essas figuras também mostram que a Ribeira apresenta regiões distintas onde se percebe uma concentração (ou a falta) de usos em determinadas regiões. Diagnosticar sub-centralidades é um passo importante no tratamento de certas anomalias urbanas, pois fica mais fácil perceber quais são as atividades em abundância em uma região e quais suas carências.

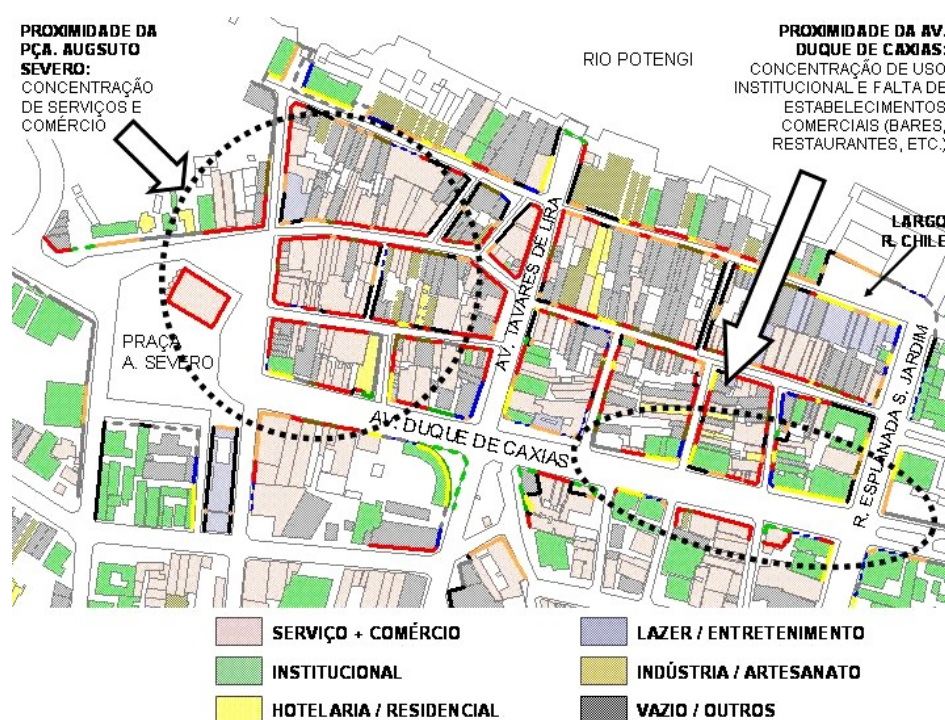


Figura 16– Mapa das Frontarias Diurno x Mapa de uso do solo: Sub-centralidades. Fonte: Valéria Ferraz, 2008.

A Figura 16 também indica que nas proximidades da Av. Duque de Caxias, local onde se encontram muitas instituições públicas, há falta de estabelecimentos comerciais e de serviços. Normalmente o uso institucional por si só já atrai um bom número de pessoas, que são os funcionários. No caso da Ribeira, essas instituições atraem um número de pessoas maior ainda, pois são locais de atendimento ao público, como a Receita Federal, o Ministério da Fazenda, o Procon, entre outros.

Através do cruzamento de informações dos mapas Frontarias Noturno e Mapa de Uso do Solo (Figura 17) foi possível perceber que boa parte das edificações que abrigam equipamentos culturais são cercadas por estabelecimentos comerciais e de serviços. Como a grande maioria desses estabelecimentos funciona apenas no período comercial e tendo em vista que a maior parte dos eventos, shows e exposições são realizadas no período noturno, fica mais fácil entender os motivos pelos quais os freqüentadores dos atrativos culturais não permanecem no bairro após estas atividades.

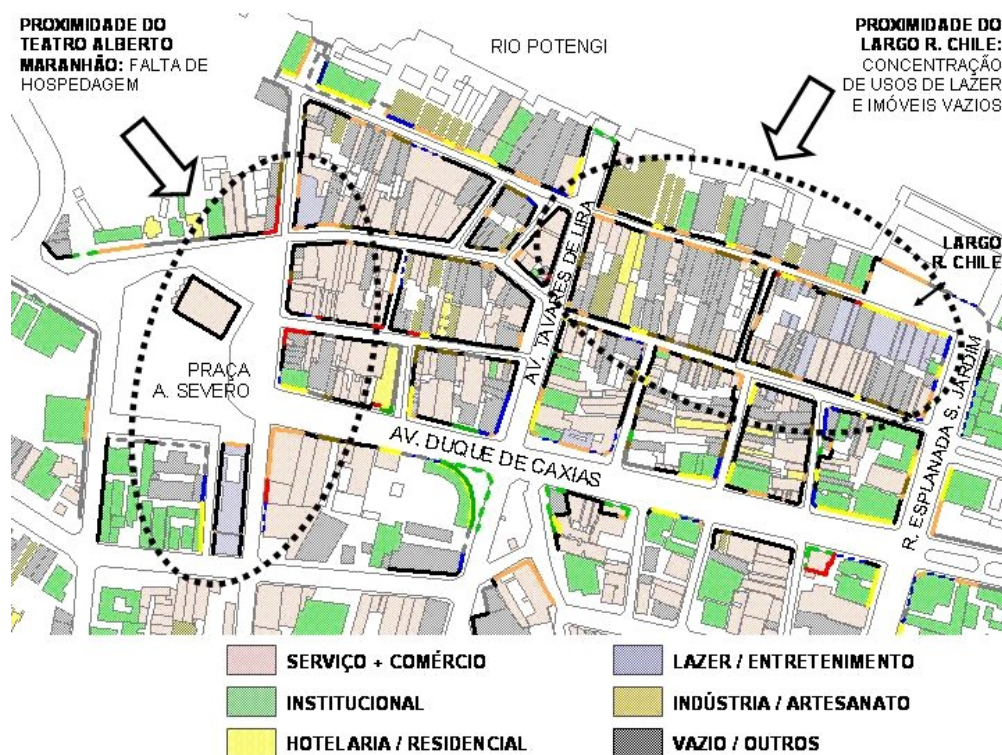


Figura 17– Mapa das Frontarias Noturno x Mapa de uso do solo: Sub-centralidades. Fonte: V. Ferraz, 2008.

A Figura 17 ressalta a falta de oferta de hospedagem e a concentração de imóveis fechados, sub-utilizados, e sem uso nas proximidades do Teatro Alberto Maranhão

(importante atrativo cultural da cidade) e da Rua Chile (importante espaço público dotado de casas noturnas e restaurantes) respectivamente. Por ser uma rua de antiga ocupação, a Rua Chile possui a maior concentração de imóveis antigos e portanto ainda conserva os tipos de abertura para com a rua originais, que são normalmente PORTAS e JANELAS. Este é mais um ponto favorável na região, pois permite uma maior visibilidade interna da rua com a edificação. Diferente do que ocorre nas proximidades do teatro, que tem imóveis com FRONTARIAS ATIVAS, que se transformam à noite, por conta de seus usos, em FRONTARIAS CEGAS (Figura 18).



Figura 18– Laterais do Teatro Alberto Maranhão. Fonte: Valéria Ferraz, 2008.

Na figura 19 pode-se perceber que a concentração de atrativos culturais se dá, principalmente, nas proximidades da Praça Augusto Severo, Praça José da Penha e Largo da Rua Chile. Esta constatação reforça a necessidade de se pensar na restauração de várias edificações e em novos usos para a região, uma vez que, além de apresentar muitas vezes um aspecto sujo e mal cuidado, no período noturno boa parte das tipologias das edificações apresentam em suas fachadas FRONTARIAS ATIVA ou FRONTARIAS ATIVAS FECHADAS, que se transformam em FRONTARIAS CEGAS.

A Rua Chile é uma das vias mais antigas do bairro e que apresenta o maior número de imóveis de arquitetura colonial da cidade. Apresentando diversos tipos de interface espaço público/privado, em suas fachadas é possível encontrar aberturas só com

PORTAS, com PORTAS + JANELAS, FRONTARIAS ATIVAS, etc. Apesar de ter uma concentração de estabelecimentos ligados ao entretenimento e ao lazer noturno próximo ao Largo, o grande número de imóveis fechados e sem uso e a presença maciça de indústrias de pesca e artesanato nos outros trechos da via (ver Figura 19) torna a rua em determinados horários completamente vazia.

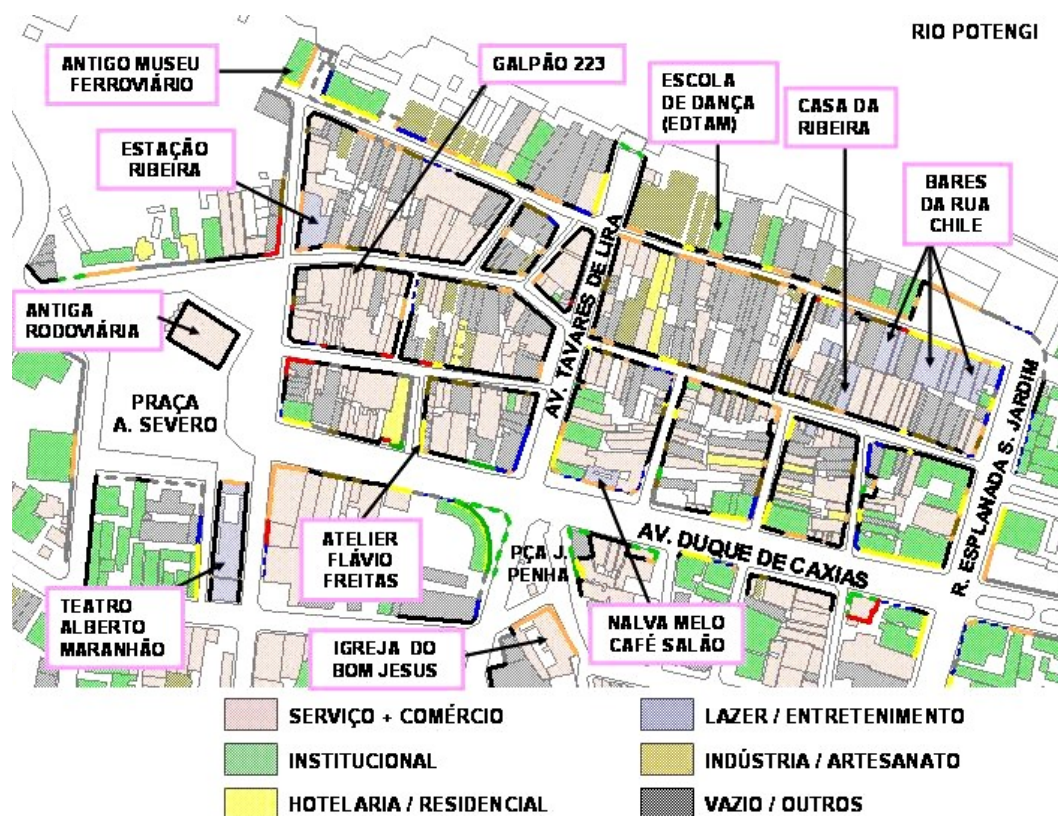


Figura 19– Mapa das Fronteiras Noturno x Mapa de uso do solo: Localização dos principais atrativos culturais.
Fonte: Valéria Ferraz, 2008.

Mesmo em uma área pequena, a Ribeira reúne exemplos de quase todos os estilos arquitetônicos das mais variadas fases da arquitetura brasileira, entre eles colonial, eclético, protomoderno, moderno, etc. Através do cruzamento dos mapas de FRONTARIAS noturno e estado de conservação, foram identificados alguns pontos da área estudada que atrapalham a diversidade da região. A Figura 20 mostra que para chegar à antiga Estação Ferroviária (ou antigo Museu da CBTU localizado na Rua Chile), é preciso atravessar uma via (Travessa Aureliano) onde grande parte das edificações está num estado regular ou precário de conservação de suas fachadas, dominadas por MURO OPACO e principalmente por FRONTARIAS ATIVAS, durante

a noite se transformam em FRONTARIAS CEGAS, aumentando as chances de ações criminosas e a sensação de insegurança.

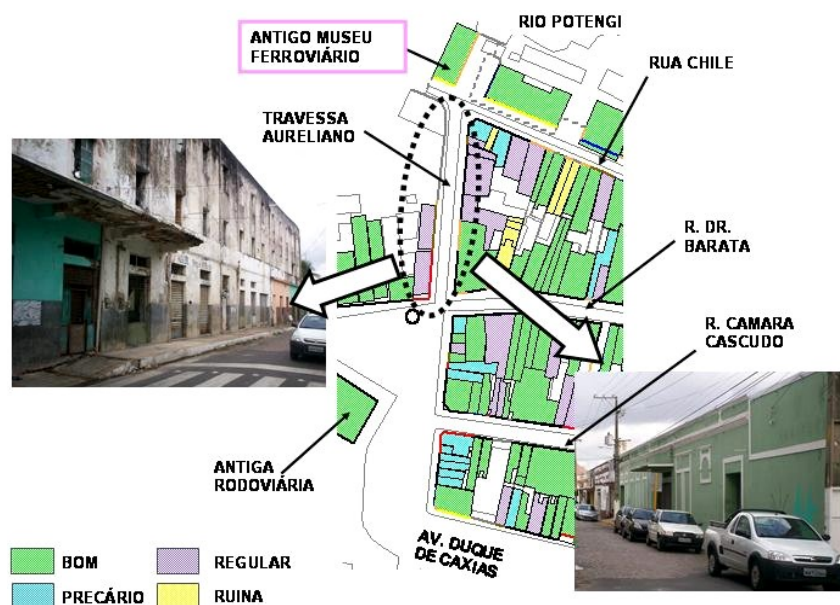


Figura 20: Percurso da Praça Augusto Severo até o Antigo Museu Ferroviário pela Trav. Aureliano – Cruzamento dos mapas Frontarias Noturno x Estado de Conservação. Fonte: Valéria Ferraz, 2008.

A Figura 21 mostra que as edificações localizadas em torno da Praça José da Penha estão, em sua maioria, em bom estado de preservação e apresentam em boa parte de suas fachadas, aberturas que permitem um contato visual com o interior das edificações, mesmo nos horários onde os estabelecimentos comerciais e as instituições não estão funcionando. A presença da igreja (que funciona em horários diversos e nos fins de semana) e a grande quantidade de carros que circulam na área por conta dos cruzamentos viários (fluxo intenso de carros da Av. Rio Branco ou Gustavo Cordeiro de Farias em direção a Av. Duque de Caxias) são outros fatores que contribuem para que o local que dê a sensação de segurança.

O Beco da Quarentena, entre as ruas Chile e Frei Miguelinho, representado na Figura 22, é uma via suja dominada por FRONTARIAS CEGA. Além disto, três das edificações vizinhas à entrada do Beco tem em suas fachadas uma combinação de FRONTARIAS ATIVAS e estabelecimentos comerciais, que funcionam apenas no horário comercial. Ou seja, se o lugar no período diurno já não é convidativo, no período noturno se torna assustador. Ao levar em consideração que o Beco da Quarentena está bem próximo da Casa da Ribeira, um dos principais atrativos culturais

do bairro, a passagem por este trecho durante a noite se torna um obstáculo de visibilidade e circulação.

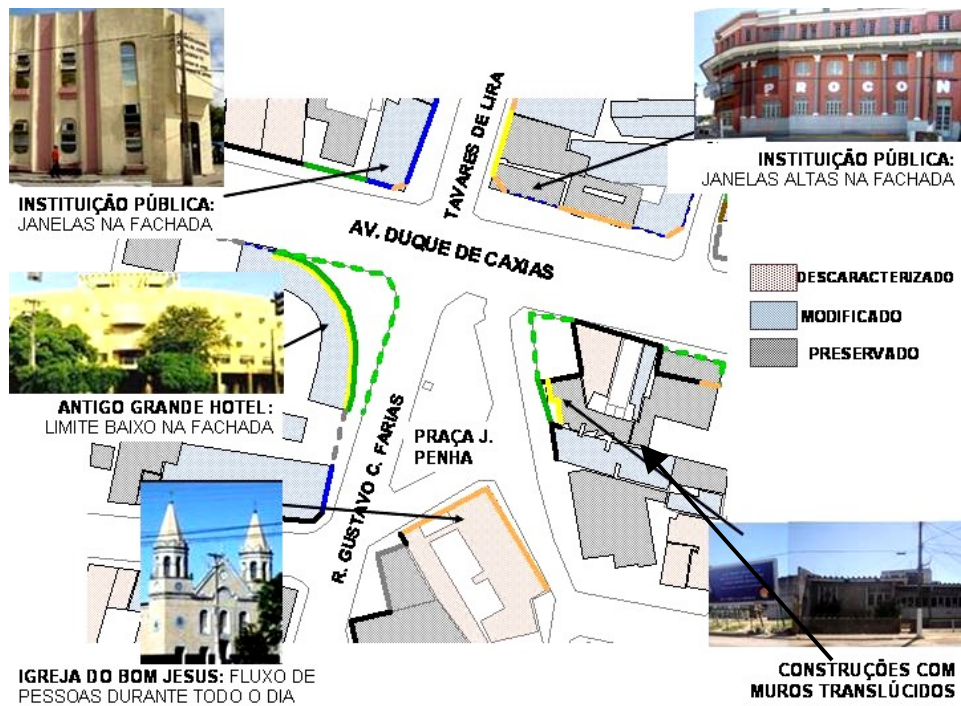


Figura 21–Cruzamento dos mapas Frontarias Diurno x estado de preservação. Fonte: Valéria Ferraz, 2008.



Figura 22 - Beco da Quarentena. Fonte: Valéria Ferraz, 2008.

Considerações Finais

Considerando que o conhecimento morfológico sobre uma fração urbana é de fundamental importância para a elaboração de projetos de revitalização, este artigo

procurou demonstrar, através da identificação e do mapeamento de ‘esquisitices’, que determinados atributos físicos aliados a informações de outras naturezas (como uso do solo, estado de conservação e preservação dos edifícios, etc.) podem apontar certos padrões de combinação de atributos que costumam associar-se (pelo menos nos depoimentos de usuários de distintos meios urbanos) à sensação de vulnerabilidade ao crime e ao comportamento anti-social.

Numa tentativa de destacar fragilidades e potencialidades do ambiente construído, espera-se que os dados aqui apresentados sirvam de apoio a tomadas de decisão que busquem conciliar as múltiplas áreas envolvidas nos processos de intervenção de antigas áreas urbanas centrais.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, L. da C. **História da cidade do Natal**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: UFRN, 1980.
- CHIRADIA, A. & TRIGUEIRO, E. **Towards and Interface Index**. In Space Syntax Limited, UK. (2005)
- ELALI, G. A. **Imagem Sócio-ambiental de Áreas Urbanas: um estudo na Ribeira, Natal, RN-Brasil**. UFRN, 2006.
- HILLIER, B. (2002). **Can streets be made safe?** 4th SSS Symposium, London: UCL, SSL.
- HILLIER, Bill. **Cities as movement economies in Space is the machine**, Cambridge University Press, 1996.
- HOLANDA, F. **O espaço de exceção**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MONTEIRO, C.; TRIGUEIRO, E. ROAZZI, A et al. **Morar no centro: pesquisa de demanda habitacional no centro histórico de Natal**. Natal: UFPE/UFRN, 2003.
- NEWMAN, O. **Defensible Space: people and design in the violent city**. London: Architectural Press, 1973.
- TOWN, Stephen; DAVEY, Caroline L.; WOOTTON, Andrew. **Design Against Crime. Secure Urban Environments by Design**. Guidance for the design of residential areas. The University of Salford, UK, 2001.
- TRIGUEIRO, E.; MEDEIROS, V. **The bridge, the market, a centrality forever lost and some hope: studying alternatives for re-qualifying an old town centre**. Proceedings, 6th International Space Syntax Symposium, İstanbul, 2007.
- TRIGUEIRO, E., MEDEIROS, V. **Marginal heritage: studying effects of change in spatial over land-use patterns and architectural in the old town centre of Natal**. Brazil, 2002.
- WHITEHAND, J. W. R. **Conzenian Urban Morphology and Urban Landscapes**. Proceedings, 6th International Space Syntax Symposium, İstanbul, 2007.

